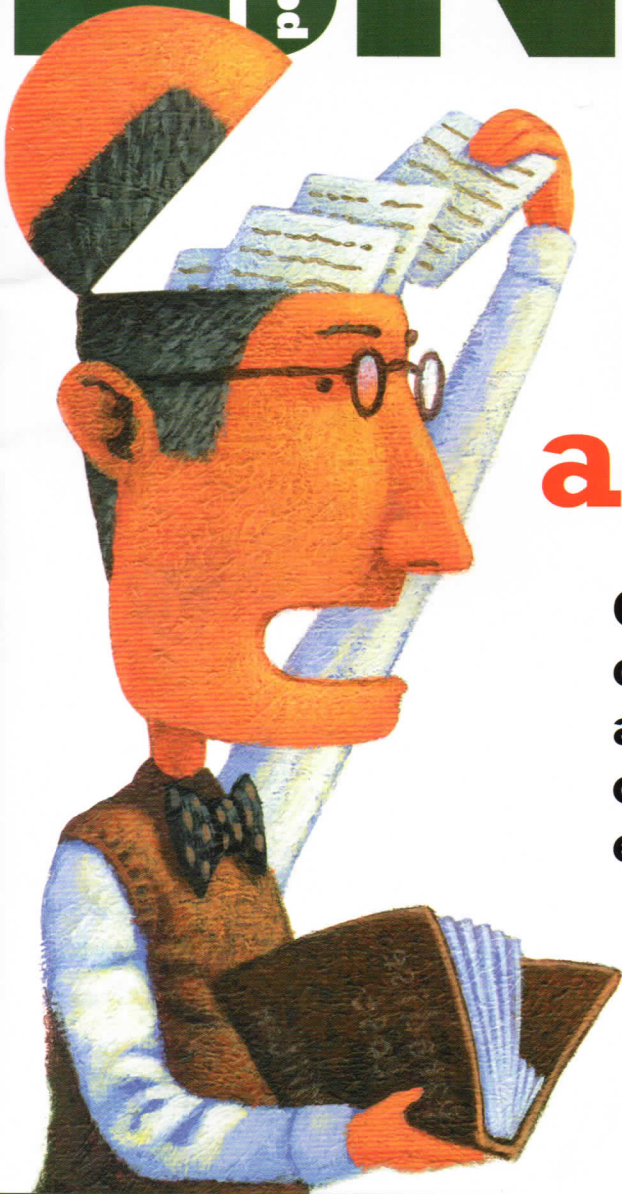


TÉCNICA DE ESCRITA • GRAMÁTICA • CRIATIVIDADE

LINGUA

portuguesa

Ano 8 • Nº 95 • Setembro de 2013 • www.revistalingua.com.br



As armadilhas do acadêmiquês

Crescimento da produção científica no país escancara as deficiências de textos criados em universidades e instituições de ensino

R\$ 10,00



GAMES EM PORTUGUÊS

Brasil desponta entre os 4 maiores mercados de videogames do mundo e aumenta demanda por dublagens e legendas

AS TRADUÇÕES DE UM MANIFESTO

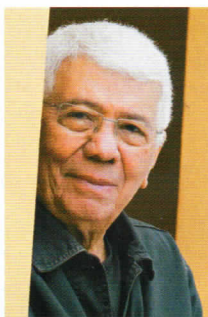
Versões da obra de Marx e Engels ajudam a separar o joio do trigo na discussão política

A TÉCNICA DA BIOGRAFIA

Audálio Dantas fala sobre a pesquisa e escrita que usou para contar a vida de Vladimir Herzog

QUANDO A VIDA É MAIS SURREAL DO QUE A NOVELA **SARAMANDAIA**





8 Entrevista

O jornalista Audálio Dantas fala sobre a técnica da biografia

22 Ensino

Sírio Possenti diz por que as listas de erros não ajudam a melhorar o aprendizado

24 Filosofia

Palavra árabe para “metáfora” revela traço de sentido comum a línguas ocidentais como o português, por Jean Lauand

28 Etimologia

Evolução das palavras ajuda a explicar diferenças de grafia entre “mal” e “mau”, por Mário Eduardo Viaro

32 Técnica

Braulio Tavares fala sobre a convenção de “quebrar” as linhas do texto poético

34 Obra aberta

Uma análise em hipertexto de *Remorso*, de Olavo Bilac

42 Academia

Mestrado na Universidade de Lisboa dá perspectiva à tradução de textos especializados

46 Retórica

José Luiz Fiorin explica por que a metalepse também pode ser vista como troca de instância narrativa para outra

50 Lógicas

Os 100 anos da morte de Saussure, o pai da linguística moderna, por Aldo Bizzocchi

52 Perfil

A trajetória do linguista russo Igor Mel’čuk, um dos pais da tradução automática



DESTAQUES



14 Raio X

Fatos e curiosidades por trás da linguagem dos games

36 Discurso

Maior produção científica escancara vícios da linguagem acadêmica

16 Tecnologia

4º mercado mundial de games, Brasil vê crescer demanda por tradução de jogos

56 Contexto

Tramas como a de *Saramandaia* refletem a naturalidade da cultura ante relatos fantásticos

58 Versão brasileira

Gabriel Perissé compara as traduções do *Manifesto Comunista*, de Marx e Engels

62 Cinema

Sérgio Rizzo explica por que *O Grande Gatsby* se deixa intimidar pelo original

63 Linguinha

Uma biografia em quadrinhos sobre a professora e escritora paraibana Anayde Beiriz

64 Berço da palavra

O aeroporto Santa Genoveva

65 Plano de aula

Como ampliar o debate sobre os textos desta edição

66 Figura

Gil Vicente nos traços “farsescos” de Marcílio Godoi

Gramaticolândia



GUSTAVO MORITA

Gramaticolândia é um país de governantes pouco tolerantes, de normas muito rígidas, a que os governados pouco seguem. Pois seguir a norma é pouco e está aí o português brasileiro para provar.

No Brasil, o povo foi mantido tempo demais longe das escolas e ouviu poucas vezes o padrão falar o português fluente. Há séculos, a elite brasileira comunica-se em português sem dar bola a preocupações gramaticais (até D. Pedro I escrevia “errado”). E aprendeu a usar a idealização de um registro gramatical dominante como sinal de prestígio social.

O desafio do aprendizado pode estar hoje mais relacionado à dificuldade de saber que linguagem usar em que situações e de identificar os diferentes níveis de formalidade, que exigem usos específicos de linguagem.

A escola vive o impasse de oferecer mais do que o padrão culto, que tem se revelado insuficiente, e nem é preciso buscar dados do MEC para notar isso. As pessoas saem da escola sem saber interpretar textos e sem jogo de cintura para comunicar-se fora das situações a que estão acostumadas.

Isso acontece não só porque a escola ensina mal o padrão e o faz como se fosse uma verdade inabalável. Cresce a necessidade de capacitar as pessoas à flexibilidade: é preciso fazer-se entender (pelos mais diferentes interlocutores), saber se virar em distintos gêneros e situações de comunicação, das menos monitoradas até às que exigem alto cuidado no manejo de um padrão, como provas escolares, disputas por vagas no mercado, mensagens a uma massa de gente que não conhecemos (como ocorre na mídia e na política), participação em concursos e vestibulares.

Construções gramaticais fora do padrão têm sua lógica interna ou histórica e cabe ao especialista no idioma explicá-las à sala de aula ou ao público. Naves fora, o desafio é estabelecer o lugar de todas as variedades nesse imenso latifúndio que é a linguagem.

LUIZ COSTA PEREIRA JUNIOR, editor
luizcosta@editorasegmento.com.br



Presidente: Edimilson Cardial
Diretoria: Carolina Martinez
Marcio Cardial
Miriam Cordeiro
Rita Martinez
Rubem Barros

LINGUA

ANO 8 – NÚMERO 95 – SETEMBRO DE 2013
www.revistalingua.com.br
ISSN: 1808-3498

Diretor Editorial: Rubem Barros

Editor: Luiz Costa Pereira Jr.

luizcosta@editorasegmento.com.br

Editor-assistente: Edgard Murano

edgardmurano@editorasegmento.com.br

Fotografia: Gustavo Morita

Diagramação: Simone Midori Maki

Colaboradores: Adriana Natali, Aldo Bizzocchi, Ana Lasevicus, André Bernardo, Braulio Tavares, Gabriel Perissé, Henrique Santos Braga, João Jonas Veiga Sobral, José Luiz Florin, Josué Machado, Marcelo Modolo, Marclio Godoi, Mariana Botta, Mário Eduardo Viaro, Sérgio Rizzo, Sírío Possenti (texto), Icaro Matias (imagem), Luiz Roberto Malta e Maria Stella Vali (revisão).

Estagiária: Jacqueline Kaczorowski

Imagem de Capa: Latinstock/Corbis

Processamento de Imagem: Paulo Cesar Salgado

Produção Gráfica: Sidney Luiz dos Santos

GPC: Isabela Elias

PUBLICIDADE

Gerente Comercial: Marco Antonio Crespo Garcia

Escritórios Regionais

Brasília: Lara Camargo

Tel.: (61) 3536-2464 / 8286-4168

lara@editorasegmento.com.br

Paraná – Marisa Oliveira

Tel.: (41) 3027-8490 – paran@editorasegmento.com.br

Rio de Janeiro – Ana Maia

Tel.: (21) 4107-6262 / 8804-0031

anamaia@editorasegmento.com.br

WEB

Gerente: Fabiano Haussman Vidal

Assistente: Lucas Carlos Lacerda

TECNOLOGIA

Paulo Cordeiro, Jonatas Moraes Brito,

Felipe Martins e Diego de Andrade

MARKETING

Diretora: Carolina Martinez

Eventos: Priscilla Rodrigues e Josiane Rodrigues

Marketing Digital: Aline Martarello

Comunicação: Fabiana Gama

Designer: Rodrigo Cárcamo

OPERAÇÕES

Diretora: Miriam Cordeiro

Coordenadora de Circulação: Beatriz Zagoto

Marketing Assinaturas: Gabriela Fróes

Eventos Assinaturas: Lucia Sousa

Vendas Governo: Gustavo Aranha e Cláudia Santos

Financeiro e RH:

Planejamento e RH: Melissa Ramos

Contas a Pagar: Simone Melo

Contas a Receber: Soraia de Paula

Faturamento: Wesley Patrik

Distribuição exclusiva para todo o Brasil:

Dinap Distribuidora Nacional de Publicações S.A.

Rua Dr. Kenkiti Shimomoto, 1678 – Jd. Belmonte

Osasco/SP – CEP: 06045-390

Língua Portuguesa é uma revista mensal da Editora Segmento.

Esta publicação não se responsabiliza por ideias e conceitos emitidos em artigos ou matérias assinadas, que expressam apenas o pensamento dos autores, não representando necessariamente a opinião da revista. A publicação se reserva o direito, por motivo de espaço e clareza, de resumir cartas e artigos.

Editora Segmento

Rua Cunha Gago, 412 – 1º andar

CEP: 05421-001 – São Paulo (SP)

Central de atendimento ao leitor

De 2ª a 6ª feira, das 8h30 às 18h

Tel.: (11) 3039-5666 / Fax: (11) 3039-5643

e-mail: atendimento@editorasegmento.com.br

acesse: www.editorasegmento.com.br



O linguista que veio do frio

Um dos pais da tradução automática, o russo Igor Mel'čuk conta como foi passar 20 anos sendo controlado ao usar papel e máquina de escrever para criar teorias linguísticas

POR MARIANA BOTTA, DE MONTREAL

Papel e tinta marcaram a vida do linguista russo Igor Mel'čuk. Foi, por exemplo, por causa de uma carta, no *New York Times* de 25 de janeiro de 1976, que teve de deixar seu país.

Sob o título *Sakharov: World Symbol of Redemption*, o texto defendia um colega, o físico nuclear Andreï Sakharov (1921-1989), vítima de difamação na URSS.


– Expressei minha discordância e, dois dias depois, fui demitido do cargo de pesquisador na Academia de Ciências da União Soviética. E me proibiram de ensinar. Minhas publicações foram

embargadas e meu passaporte, confiscado. Tornei-me um nada – relembra.

Para proteger-se, Mel'čuk escreveu mais cartas, chamando a atenção de colegas do mundo inteiro. Graças a isso, recebeu proposta de André Clas para ir a Montréal, no Canadá, como professor convidado no Departamento de Linguística e Tradução da Universidade de Montréal, onde terminou efetivado até a aposentadoria, em 2009. Mel'čuk era exceção na Rússia. Pesquisador profissional, tinha autorização para comprar uma máquina de escrever.

– Fiquei mais de oito horas numa fila e, depois, toda vez que precisava de papel, deveria pedir autorização e ficar na fila por semanas. Tinha de apresentar à polícia, a cada três meses, os “espécimes”, que é como chamavam os rolos de fita da máquina – explica.

O gênio inquieto havia lhe rendido, no fim da década de 50, a expulsão da Universidade Lomonossov, de Moscou, onde fez a graduação e cursava o doutorado. Orientado por Viatcheslav Ivanov (1929), pesquisava a estru-



Universidade Lomonossov, em Moscou, onde Igor se formou e de onde foi expulso nos anos 50

tura sintática do radical de uma das tocarianas [línguas indo-europeias do noroeste da China].

– Ivanov conhecia o (Boris) Pasternak [autor de *Doutor Jivago*] desde a infância e se recusou a apertar a mão de um colega que denunciara o amigo. Por isso, foi expulso da universidade. Reuni colegas e escrevemos uma carta de protesto. Acabei expulso e impedido de terminar a tese – conta Mel’čuk.

Sua vida de estudante foi moldada pelo fato de ter origem judia. Nascido em 19 de outubro de 1932, em Odessa, perdeu a mãe para um câncer de mama quando ainda menino.

– Meu pai, um soldado do exército vermelho, casou-se de novo. Minha irmã e eu fomos criados pela minha avó materna, Uliana Breiman, uma das primeiras dentistas da Rússia. Depois da revolução, os bolcheviques confiscaram o consultório dela. Tivemos uma vida dura, passamos fome e precisei trabalhar desde muito novo – relembra.

Por acaso

Leitor compulsivo, foi nos sebos russos que teve contato com francês, espanhol e alemão, línguas que começou a ensinar aos 12 anos. Dava aulas de russo e matemática, “em troca de um prato de comida”. Mais tarde, virou guia turístico em Moscou, e tradutor.

A linguística entrou na sua vida por acaso. Aos 17 anos, com convicções “fortemente comunistas”, quis estudar História. Na hora da inscrição na universidade, foi-lhe informado que judeus não eram aceitos no curso. Mel’čuk tentou a sorte no departamento de filologia. Em 1952, no 3º ano encontrou, por acaso, um amigo na rua. Ele lhe contou que matemáticos procuravam um linguista.

– O grupo era liderado por Aleksey Lyapunov (1911–1973), ex-militar que queria usar seu prestígio para financiar pesquisas. Ele tinha lido, em janeiro de 1954, um artigo sobre a tradução automática nos Estados Unidos, de Paul Garvin (Georgetown University) e Peter Sheridan (IBM), e quis fazer algo parecido na União Soviética – explica o linguista, que passou a integrar o grupo.

Em fevereiro de 1956, no encontro anual da Academia de Ciências da URSS, Mel’čuk apresentou, com a colega Olga Kulagina, o primeiro algoritmo do modelo soviético de tradução automática do francês para o russo. Para desenvolvê-lo, cursou

disciplinas de matemática.

– Sempre tive queda pelas ciências exatas. Mesmo assim, achei as aulas muito complicadas. Felizmente, aprendi alguma coisa que pude-se aplicar à linguística.

Já formado, foi contratado como pesquisador júnior do Instituto de Linguística da Academia de Ciências da URSS, onde ficou até 76.

– Na verdade, não queria conhecer nenhuma língua em profundidade, mas entender a organização da capacidade humana de falar.

– Até 1975, vivi na Rússia e, aos 44 anos, tive de recomeçar. Cheguei em Montréal com minha mulher, Lydja, e duas filhas, Svetlana



“Sempre tive queda pelas ciências exatas. Mesmo assim, achei as aulas muito complicadas. Felizmente, aprendi alguma coisa que pude-se aplicar à linguística”, afirma Igor Mel’čuk

e Ekaterina, cada um com uma manilha – relembra.

Bem recebido, teve o apoio dos colegas, que corrigiam seu francês antes das aulas.

– Só falo bem o russo; as outras línguas, eu torturo... – brinca o pesquisador, que se comunica confortavelmente em inglês, francês, espanhol, italiano, alemão e polonês, mas “com um sotaque forte e erros”.

Mel’čuk fala que, se necessário, aprende uma língua em dois ou três dias, lendo gramáticas e dicionários. Mas, depois de três semanas sem praticar, esquece tudo.

– Foi o que ocorreu com o português. Fui intérprete do Jorge Amado, durante uma conferência sobre literatura latino-americana, na União Soviética, nos anos 50. Ele foi a pessoa mais sorridente e simpática que conheci – fala o linguista, que foi intérprete de Pablo Neruda e de Nicolás Guillén.

Teoria

Seu segredo, confiança, é conhecer as gramáticas de “quase todas as línguas”.

– Na maior parte dos casos, é possível fazer julgamentos sobre a gramática de uma língua mesmo sem conhecê-la, e é isso o que tento fazer. Depois de 50 anos de pesquisa, estou convencido de que o modelo formal é a única via para a descrição linguística – diz.

Ele afirma que a prova de que sua teoria funciona é a possibilidade formal de tradução.

– Aqui, estamos falando em francês, mas poderíamos falar em russo ou português, e o sentido seria o mesmo. É isso que tento descrever por meio de fórmulas e regras. Mas, atenção: falo da tradução do pensamento em formas linguísticas, e não da tradução entre línguas, que aca-

ba sendo um resultado secundário da minha descrição formal – explica.

Considerada por muitos colegas e estudiosos como abstrata ou complicada demais, a teoria Sentido↔Texto é, segundo Mel’čuk, ridiculamente simples.

– A única coisa que me interessa é descrever de que maneira, no cérebro, os sentidos são transformados em formas linguísticas. Descrevo a passagem do sentido para o texto. Para descrever isso, é preciso recorrer a uma representação formal. Para resolver um problema, é preciso saber decupá-lo de forma precisa, senão nos perdemos. Isso é fazer ciência. Por isso, tenho de ser preciso, direto e restrito nas minhas descrições.

Simplicidade

Na lista dos linguistas que admira, Chomsky não tem vez. Cita James McCawley (1938-1999), da Universidade de Chicago, e Charles Fillmore (1929), da Universidade da Califórnia, um dos fundadores da linguística cognitiva, da semântica de quadros e da *FrameNet*.

– Não entendo nada da teoria de Chomsky [gerativo-transformacional]. Só posso dizer que, em lógica formal, faz-se geração porque a lógica formal é uma língua formal que serve para descrever coisas. Mas a língua natural é outra coisa. Foi inventada e é aperfeiçoada constantemente para exprimir as coisas. Se não há um sentido a ser expresso, nada pode ser gerado – justifica.

Mel’čuk assume não ter talento para a docência.

– Não gosto de dar aulas, mas fui um professor modelo. Não gosto de dar notas, pois não acho que tenha de administrar a vida dos outros. Se vejo um trabalho que não considero bom nem termino de lê-lo, para não perder tempo. Muitos desistiram de

ter minha orientação por isso. Pensavam que eu os estava atacando pessoalmente – confia.

Assume ser intolerante em relação à linguística.

– Acredito que há uma única verdade e tento prová-la. Se consigo, só vou mudar de opinião se alguém puder mostrar que estou errado.

Energia

Ativo, diz trabalhar cerca de dez horas ao dia, mas queixa-se do cansaço.

– Costumava trabalhar 15 horas, corria ao menos 3 km, e subia os 9 andares do prédio da universidade pelas escadas, todos os dias. Agora tenho artrite e meus joelhos não aguentam. Nem esqui, um dos meus esportes favoritos, posso mais fazer – lamenta.

A energia que sobra, usa na redação de livros e artigos. Ao longo da carreira, foi autor ou coautor de 42 livros e editor ou colaborador de mais de 260 publicações. Garante programar publicações “para os próximos 30 anos”. Num dos encontros para esta entrevista, em julho deste 2013, no Observatoire de linguistique Sens-Texte (<http://olst.ling.umontreal.ca/>), na Universidade de Montreal, o simpático senhor parecia uma criança ao receber os exemplares de seu volume 2 de *Semantics, From Meaning to Text* (Amsterdã/Philadélfia: John Benjamins). O número 3 deve ser lançado até 2014. Outra série concluída é *Introduction à la Linguistique*, “um manual elementar, self-contained, com muitas práticas, mas complicado para um iniciante”.

Mel’čuk só fica em silêncio ao expressar o que sente sobre seu país.

– Meu sentimento é um buraco negro, um vazio. Não sobrou nada. Meu país não existe mais para mim – finaliza, enquanto solta um longo suspiro.